

PENSAMENTO COMUNICACIONAL LATINO-AMERICANO: PAULO FREIRE

ADRIANA AZEVEDO PAES DE BARROS*

Introdução

Este trabalho constitui mais um acréscimo aos esforços que vêm sendo realizados pela Escola Latino Americana de Comunicação – ELACOM, na perspectiva da busca de legitimação de seu espaço acadêmico, em virtude do histórico colonialismo cultural/intelectual em que os povos latino-americanos estiveram imersos.

Desta forma, escrevo neste trabalho sobre algumas idéias de um dos pensadores que compõem tão importante escola de pensamento, o Professor Paulo Freire. Sendo assim, buscarei, nas linhas deste trabalho, fazer uma viagem exploratória pelo pensamento de Paulo Freire, que, a exemplo dos demais componentes da ELACOM, possui, em seu universo teórico, as marcas distintivas desta escola, conforme afirma Marques de Melo: «A marca distintiva de tais elaborações científicas é o hibridismo teórico e a superposição metodológica, plasmando uma singular investigação mestiça, representativa em verdade da fisionomia cultural latino-americana» (José Marques de Melo. *A Escola Latino-Americana de Comunicação*, texto mimeografiado).

O objetivo deste trabalho é perceber, nas obras de Paulo Freire, a concepção de diálogo/dialogicidade, o elemento básico do método pedagógico de Freire, em sua obra inicial, *Educação como prática de liberdade*, e nas

* S. Paulo.

obras de sua maturidade intelectual que foram registradas como memórias, sendo elas: *Cartas a Cristina* (1994) e *A sombra desta mangueira* (1995).

Conforme o próprio Freire afirma: «Se a comunicação e a intercomunicação são processos que se verificam na vida sobre o suporte, na experiência existencial elas ganham uma conotação especial. Aqui, a comunicação e a intercomunicação envolvem a compreensão do mundo» (ASDM, p. 20).

O diálogo na concepção freireana

«A relação dialógica é o selo do processo gnoseológico»
(ASDM, p. 81).

Paulo Freire, principalmente na última década, tem sido objeto de estudo de vários pesquisadores, sejam eles oriundos da filosofia, da educação, da religião, ou da comunicação, entre outros. Seu pensamento, expresso não somente em suas obras, mas principalmente numa prática efetiva de seus ideais, tem inspirado inúmeros trabalhos. Este, em especial, não poderia deixar de destacar suas marcas de composição da ELACOM: o hibridismo e a mestiçagem.

Há três principais elementos que constituem a base do pensamento de Freire. A visão humanista, que engloba a fenomenologia e o existencialismo, o marxismo e o catolicismo.

Tanto Freire quanto Marx definem que a maneira fundamental de as pessoas estarem no mundo e transformarem a sua realidade, a partir de sua cultura e de sua história de vida, é através de uma mudança do pensamento, que se dá por meio da ação educativa, da *praxis*. É assim que o homem percorre o caminho de sua humanização.

Na vertente religiosa, Freire é profundamente guiado pela história socialista cristã e fortemente comprometido com a visão socialista cristã. A teologia católica, em especial a teologia da libertação, também impactou substancialmente o pensamento freireano.

Tais elementos encontram-se evidenciados na teoria e na prática educacional/política desenvolvida por Freire.

O marco teórico inicial do pensamento de Freire está colocado no Livro *Educação como prática da liberdade*, publicado pela primeira vez em 1966. Neste livro, Freire sintetiza não apenas as experiências feitas no Brasil, mas também suas convicções teóricas, juntamente com os resultados de suas investigações pedagógicas. Configuram-se como objetivo principal da obra a divulgação do método psicossocial de alfabetização de adultos em sua execução prática.

Na obra, Freire constrói as bases de sua pedagogia dialógica e procura mostrar qual o papel da educação, do ponto de vista do oprimido, na construção de uma sociedade democrática.

Freire afirma que o que deve ser superado na prática educativa é o discurso verbal e vazio e deve ser instaurada uma pedagogia que começa pelo diálogo, pela comunicação, pois é a prática dialógica que possibilitará ao homem a elaboração de uma consciência crítica do mundo em que vive, e só a partir dessa prática o homem conseguirá existir e fazer a sua história, pois,

«existir ultrapassa viver porque é mais do que estar no mundo. É estar nele com ele. E é essa capacidade ou possibilidade de ligação comunicativa do existente com o mundo objetivo, contida na própria etimologia da palavra, que incorpora ao existir o sentido de criticidade que não há no simples viver. Transcender, discernir, dialogar (comunicar e participar) são exclusividades do existir. O existir é individual, contudo só se realiza em relação com outros existires. Em comunicação com eles» (ECPL, p. 40, 41).

Nas palavra de PF fica clara a convicção do autor de que viver é essencialmente comunicar e «é essa dialogação do homem sobre o seu contorno e até sobre os desafios e problemas que o faz histórico» (*op. cit.*, p. 6). O homem, na visão de Freire, é um ser de relações e vem a caracterizar-se pela sua pluralidade, condizente com a possibilidade de fornecer respostas diferentes a um só desafio; criticidade, condizente com a sua capacidade de reflexão e ainda pela sua transcendência, condizente, finalmente, com a sua condição de ser inacabado.

Desta forma, o homem não apenas vive mas «existe», pois somente no existir é que o homem pode realizar plenamente essas suas capacidades. Desta forma, o homem vem a integrar-se na sociedade, não somente acomodando-se a ela, mas na prática do diálogo. Ao poder exercer seu direito de fala, de comunicação, o homem adquire atitude crítica e, cada vez mais, afirma-se enquanto sujeito.

Quando Freire elabora sua teoria sobre educação, suas referências são diretas ao processo comunicacional, pois para ele a base da educação é o diálogo. « Uma educação que possibilitasse ao homem a discussão corajosa de sua problemática. Que o advertisse dos perigos de seu tempo (...) Educação que o colocasse em diálogo constante com o outro. Que o dispusesse a constantes revisões» (*op. cit.*, p. 90).

E o insucesso da educação, a crítica maior de Freire às práticas educacionais tradicionais reside exatamente na falta de diálogo, na impossibilidade do debate. «Não há nada que mais contradiga e comprometa a emersão popular do que uma educação que não jogue o educando às experiências do debate e da análise dos problemas e que não lhe propicie condições de verdadeira participação» (*op. cit.*, p. 93).

Nesse percurso seguido por Freire, ele cria um método de alfabetização, onde a prática dialógica é o elemento fundamental para a efetiva aprendizagem. O método de Freire incorpora em sua essência um modelo comunicacional: é somente a partir de um evento comunicacional que o processo educacional se realiza.

Desta forma, o único modo de transmissão do saber (construção e/ou sistematização) é na dinâmica da comunicação, que para Freire deve ser, por princípio, interpessoal/dialógica.

Nesse sentido, sua utopia é uma educação transformadora, que parta das coisas simples do cotidiano, de cada ato humano e possibilite ao sujeito, através de sua capacidade criativa e transformadora, sua libertação da condição de oprimido. O instrumento de sua libertação será sempre a prática do diálogo. Neste sentido, Freire afirma que «...a educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa» (ECPL, p. 96).

Para Freire, o conceito de educação tem uma forte relação com a visão do educador, suas crenças, valores, visão de mundo, sua postura diante do desafio educacional.

«Educar e educar-se, na prática da liberdade, é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem – por isso sabem que sabem algo e podem chegar a saber mais – em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que poucos sabem, possam igualmente saber mais» (EC, p. 25).

Nesse sentido, a visão de conhecimento, construída através do pensamento de Freire é assim expressa:

«Conhecer, na dimensão humana, (...) não é o ato através do qual um sujeito, transformado em objeto, recebe, dócil e passivamente, os conteúdos que outro lhe dá ou impõe. O conhecimento, pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o «como» de seu conhecer e os condicionamentos a que está submetido seu ato. Conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. (...) Por isso mesmo é que, no processo de aprendizagem, só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em apreendido, com o que pode, por isso mesmo, reinventá-lo; aquele que é capaz de aplicar o aprendido-apreendido a situações existenciais concretas» (EC, pp. 27, 28).

A proposta educacional de Freire contribuiu de forma substancial para a formulação de um modelo comunicacional horizontal, democrático e

participativo, na medida em que em sua concepção a comunicação é o agente de transformação dos sujeitos. É na prática interativa e co-participativa do diálogo que o ato educativo se realiza. Freire questiona:

«E o que é o diálogo? É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade. Nutre-se do amor, da humildade da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois pólos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se então uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação» (*op. cit.*, p. 107).

Portanto, a base do método Freire é o diálogo e as possibilidades advindas da prática comunicativa, enquanto que o seu oposto, o antidiálogo, é a negação das possibilidades transformadoras da reflexão e da ação educativa. Na prática, o antidiálogo quebra a relação de «simpatia» que deve existir entre os pólos quando há a prática dialógica. O antidiálogo não comunica, portanto é preciso «uma Pedagogia de Comunicação, com que vencêssemos o desamor acríptico do antidiálogo» (*op. cit.*, p. 108).

Freire usa Jasper para afirmar que «...o diálogo é portanto o indispensável caminho, não somente nas questões vitais para nossa ordenação política, mas em todos os sentidos do nosso ser» (*op. cit.*, p. 108).

Para Freire, o diálogo proposto pelas elites é vertical e forma, portanto, o educando-massa, impossibilitando-o de se manifestar. A educação que não promove o diálogo não contribui para auto-afirmação do indivíduo. O diálogo, algo horizontal, é fruto de uma prática democrática, a qual Freire afirma que precisamos ter coragem para experimentar.

Nesse sentido, o trabalho que passo a desenvolver, no próximo tópico, é exatamente o acompanhamento dessa visão dialógica de Paulo Freire em suas obras de memórias. Como Freire retoma sua concepção dialógica? Qual o sentido teórico e prático do diálogo nas memórias de Freire?

Um diálogo com as memórias de Freire

Volto à discussão da relação dialógica enquanto prática fundamental de um lado à natureza humana e à democracia, de outro como uma exigência epistemológica (ASDM, p. 74). As palavras de Freire, nas suas memórias, iniciam o meu diálogo.

Paulo Freire, em *Cartas a Cristina*, faz um texto de memória sobre a memória. Um constante percurso de idas e vindas, como tão bem ele afirma. Já no livro *A sombra desta mangueira*, Freire recupera, com grande profundidade, suas crenças, sua visão de mundo, suas lições de vida e o conceito de dialogicidade que certamente fundamenta sua pedagogia.

Assim, em suas memórias, Freire alarga alguns dos conceitos por ele apreçados em sua trajetória de vida e a dialogicidade é fortemente reforçada.

«É assim que trabalharei a questão da *dialogicidade*. Em vez de descrever o perfil do conceito de dialogicidade, começarei por procurar compreender o seu fundamento, o que faz ser exigência estratégica e não pura tática de sujeitos «espertos» para alcançar resultados. A dialogicidade não pode ser entendida como instrumento usado pelo educador, às vezes, em coerência com sua opção política. A dialogicidade é uma exigência da natureza humana e também um reclamo da opção democrática do educador» (ASDM, p. 74).

Freire é categórico ao afirmar: «Não há comunicação sem dialogicidade está no núcleo do fenômeno vital» (ASDM, p. 75). Nesse sentido, Freire inaugura um certo pessimismo diante do uso das tecnologias no processo educacional:

«(...) a comunicação e a informação ocorrem ao nível da vida sobre o suporte, imaginemos sua importância e, portanto, a da dilogicidade, na existência humana no mundo. Nesse nível, a comunicação e a informação se servem de sofisticadas linguagens e de instrumentos tecnológicos que ‘encurtam’ o espaço e o tempo. A produção social da linguagem e de instrumentos com que os seres humanos melhor interferem no mundo anuncia o que será a tecnologia» (ASDM, p. 75).

Assim sendo, Freire só acredita numa efetiva educação transformadora envolta numa relação dialógica.

«A relação dialógica – comunicação e intercomunicação entre sujeitos refratários à burocratização de sua mente, abertos à possibilidade de conhecer e de mais conhecer – é indispensável ao conhecimento. A natureza social deste processo faz da dialogicidade uma relação natural do ser humano, seu processo de conhecer e contradiz a democracia» (ASDM, p. 80).

O processo do conhecimento é uma experiência dialógica, e na concepção freirena só há diálogo numa relação presencial, onde o verdadeiro educador cria um clima dialógico. «É que há um diálogo invisível, prévio, em que não necessito de *inventar* perguntas ou fabricar respostas. Os educadores verdadeiramente democráticos não *estão* – *são* dialógicos. Uma de suas tarefas substantivas em nossa sociedade é *gestar* esse clima dialógico» (ASDM, p. 81).

Nesse sentido, Freire recebe algumas críticas quando apenas reconhece o valor da educação presencial, sendo esta reafirmada como única possível em vários momentos de suas obras, como podemos perceber no trecho seguinte:

«A dialogicidade é cheia de curiosidade, de inquietação. De respeito mútuo entre os sujeitos que dialogam. A dilogicidade supõe maturidade, aventura do espírito, segurança ao perguntar, seriedade na resposta. No clima da dialogicidade, o sujeito que pergunta sabe a razão por que o faz. Não pergunta por puro perguntar ou para dar a impressão, a quem ouve, de que está vivo» (ASDM, p. 80).

Após este longo caminho pelo conceito de diálogo em Freire, creio ser este o momento de reafirmar o valor de sua obra, de seu pensamento, de seu método, de sua prática pedagógica. Creio também que, como pesquisadora da área de comunicação e como educadora, mais que um autor de bons livros Paulo Freire foi um grande praticante de suas idéias e isso o imortalizou. Apenas acredito que, no momento em que vivemos, quando novas tecnologias incorporam a nossa vida cotidiana e nos cercam por todos os lados, fica difícil não pensarmos também num diálogo mediado. A mediação tecnológica tem se mostrado não apenas como tendência, mas, em alguns casos (no interior do país por exemplo), como única alternativa viável de acesso ao conhecimento.

Tenho acompanhado alguns casos, em especial um curso de Formação de Professores para as Séries Iniciais, desenvolvido pela Universidade Federal do Mato Grosso, em convênio com a Open University que, através da Educação Aberta e à Distância, mantêm um programa com 350 alunos de graduação no interior de Mato Grosso, numa relação dialógica mediada por instrumentos tecnológicos (telefone, computadores, fax, entre outros), com alguns momentos presenciais.

Pude acompanhar alguns desses encontros e perceber o avanço daquele grupo de alunos que encontraram naquele sistema uma oportunidade única de melhorarem suas vidas. Nas avaliações que foram desenvolvidas nos três primeiros anos do projeto, obteve-se melhores resultados com os alunos do curso à distância que nos cursos presenciais, mantidos na sede da Universidade Federal de Mato Grosso em Cuiabá.

A experiência dialógica é fundamental, para a construção da curiosidade epistemológica, como tão bem afirma Freire, mas o que proponho é apenas uma ampliação da reflexão sobre a experiência dialógica presencial, não afirmando ser esta a única via de acesso ao conhecimento.

Como afirma Pfromm,

«...Estamos às vésperas do ano 2000 e vivemos um tempo de transformação na história de nossa espécie marcado por mudanças, rupturas, inovações e desafios em larguíssima escala, que afetarão a sociedade como um todo e cada pessoa em particular. Nada será como antes, no mundo que emerge dessa gigantesca revolução na informação, liderada pelo computador, pelos satélites e por outras conquistas tecnológicas que estão invadindo nossas casas, nossos locais de trabalho e nossas vidas, sob todos os aspectos e por toda a parte – nos negócios, na cultura, nas relações sociais e profissionais e até

mesmo no âmago da filosofia de vida e da personalidade de cada ser humano que habita e habitará este planeta nesses novos tempos» (PFROMM NETTO, 1998, p. 174).

Dialogar com as tecnologias torna-se condição de sobrevivência em nossa sociedade. Há um vasto leque de fontes de informação e aprendizagem que, certamente, vão muito além da oralização do professor e da audição do aluno e vice-versa. Tais situações inovadoras são múltiplas, instigantes e nos desafiam, enquanto profissionais da comunicação e da educação, a vislumbrarmos novos objetos de pesquisa que, de fato, contribuam para a ampliação do conceito e para a prática de novos diálogos. Certamente, a tecnologia educacional e/ou a mídia educativa já estão sendo encaradas como um veículo fundamental no movimento de reforma educacional e na reestruturação do processo ensino-aprendizagem, e é esse fenômeno que não percebi contemplado nos textos de Freire e que certamente corresponde a uma nova etapa na conceitualização de dialogicidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREIRE, Paulo – *Educação como prática da liberdade*. 15.^a edição, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, Paulo – *Ação cultural para a liberdade e outros ensaios*. 8.^a edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- FREIRE, Paulo – *Cartas a Guiné Bissau*. 4.^a edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- FREIRE, Paulo – *Extensão e comunicação?* Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. 9.^a edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- FREIRE, Paulo – *Pedagogia do oprimido*. 12.^a edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, Paulo – *Cartas a Cristina*. São Paulo: Paz e Terra, 1994.
- FREIRE, Paulo – *A sombra desta mangueira*. São Paulo: Olho D'Água, 1995.
- PFROMM NETTO, Samuel – *Telas que ensinam*. Campinas/SP: Editora Alínea, 1998.
- MELO, José Marques de – *Teoria da Comunicação: Paradigmas latino-americanos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- MELO, José Marques de (org.) – *Pensamento comunicacional brasileiro – O grupo de São Bernardo*. São Bernardo do Campo/SP: UMESP, 1998.
- MELO, José Marques de – *A Escola Latino Americana de Comunicação – Gênese, crescimento, perspectivas*. Texto mimeografado. São Bernardo do Campo/SP: UMESP, 1999.
- BERLO, David – *O processo da comunicação – Introdução à teoria e à prática*. 8.^a edição. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GADOTTI, Moacir – *Convite à leitura de Paulo Freire*. São Paulo: Scipione, 1991.

LIMA, Venício Artur – *Comunicação e Cultura; As idéias de Paulo Freire*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

LITWIN, Edith – *Tecnologia educacional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MAZIERO, José Carlos – «Paulo Freire: um homem de seu tempo». In *Revista Comunicação e sociedade*. N. 25, São Bernardo do Campo/SP: UMESP, 1996.

Outras fontes de consulta:

Paulo Freire: Andarilho da utopia – Compact disk dirigido por André Barbosa.

Revista do Professor – Sindicato dos Professores do grande ABC. N. 0, out./nov de 1997.